PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA MACHISTA NO CONTEXTO ESCOLAR: O QUE DIZEM AS/OS ESTUDANTES.

Vitória Hellen Santos Araújo[1]
Quinito Domingos Da Silva[2]
Ana Clara Lima Texeira [3]
Violeta Maria De Siqueira Holanda [4]

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a promoção da educação em direitos humanos com ênfase na análise reflexiva e propositiva sobre as relações de gênero e a problemática da violência machista no contexto escolar. O intuito é apontar dados das percepções de estudantes de três escolas públicas do Estado do Ceará, sendo classificadas como escolas que possuem e não possuem núcleos de gênero. Trata-se do resultado parcial de uma abordagem de investigação de cunho quanti-qualitativa, com aplicação de questionários, rodas de conversas, grupos de discussão, palestras e oficinas educativas junto às/os estudantes nas escolas. As escolas contempladas foram EEEP Darcy Ribeiro (Bairro Conjunto Espera dença), EEFM Dom Antônio de Almeida Lustosa (Bairro Edson Queiroz) e EEM Adauto Bezerra (Bairro Fátima). Tendo em vista que o projeto também aporta a formação de iniciação científica de bolsistas da Unilab, serão explanadas as experiências e percepções das/os estudantes das referidas escolas, além de nossas/os bolsistas de iniciação científica. O resultado indica que a violência machista de gênero contra as mulheres e outras formas de discriminação contra as pessoas LGBTQIAPN+ são práticas presentes nas escolas pesquisadas, repercutindo na vida pessoal e estudantil das/os entrevistadas/os. E também se constatou a insuficiência de diálogos sobre a temática nas escolas e principalmente as que não têm núcleo de gênero.

Palavras-chave: educação; gênero; violência machista; direitos humanos.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA- UNILAB, PALMARES, Discente, vitoriahellensaraujo21@gmail.com[1]
UNILAB, PALMARES , Discente, quinitodasilva2425@gmail.com[2]
ESCOLA DE ENSINO MÉDIO GOVERNADOR ADAUTO BEZERRA, EM FORTALEZA , Discente, anaclaralimatei18@gmail.com[3]
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA-UNILAB, PALMARES , Docente, violeta@unilab.edu.br[4]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a violência machista no contexto escolar a partir de atividades educativas com adolescentes em escolas públicas na cidade de Fortaleza (Brasil). Trata-se do resultado parcial do projeto de pesquisa Educação em Direitos Humanos e Gênero: percepções sobre a violência machista no contexto escolar, submetido e aprovado no Edital FUNCAP - N° 01/2022 MULHERES NA CIÊNCIA - apoio a projetos de pesquisa coordenados por mulheres. O estudo tem como prioridade a promoção da educação em direitos humanos através de um olhar sensível e multidimensional, que considera a vida como um direito fundamental e a igualdade de gênero como um direito humano; valoriza o esforço teórico-crítico no campo dos estudos de gênero e suas interseccionalidades, particularmente, da antropologia feminista; e reconhece a importância de políticas públicas afirmativas para as mulheres e a população LGBTQIA+, especialmente no âmbito educacional.

O recorte apresentado tem como universo a realidade das escolas de ensino médio e integral na cidade de Fortaleza/Ceará: Escola Municipal de Tempo Integral Dom Antônio de Almeida Lustosa (bairro Edson Queiroz), Escola Estadual de Educação Profissional Darcy Ribeiro; Escola do Ensino Médio Governador Adauto Bezerra, na cidade de Fortaleza. As visitas às escolas de Fortaleza iniciaram em outubro/2022 de forma contínua até hoje pela equipe do projeto. Em todos os espaços escolares houve a apresentação do projeto e a autorização prévia por parte da gestão escolar, bem como a efetivação de termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) com as/os respectivas/os formadoras/es entrevistadas/os, obedecendo às recomendações no fazer ético da pesquisa qualitativa em escolas. Foram realizados encontros de entrevistas e aplicação de questionários com estudantes das escolas que possuem núcleo de gênero e que não possuem, além de diversas atividades, incluindo rodas de conversa, debates, palestras, entrevistas e a aplicação de questionários online e físicos. No final, ainda apresentamos o resultado da oficina reflexiva - Mapa da Vida - realizada nas escolas IES Julio Verne, na cidade de Sevilha/Espanha, e na escola Dom Antônio de Almeida Lustosa, em Fortaleza.

Ao se falar em relações de gênero e, especialmente, na violência machista contra as mulheres, é necessário ainda que se fale no plural, haja vista que estão sujeitas a uma série de violências, sobretudo, quando relacionadas à diversidade das questões de classe, raça/etnia e/ou orientação sexual. Portanto, é necessário perceber que a violência machista contra as adolescentes produz um impacto social significativo, cujas dimensões das hierarquias de gênero, classe social e cor recaem sobre elas interseccionalmente.

> De acordo com Crenshaw (2002, p. 177). “O princípio da interseccionalidade trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”.

Portanto, é importante compreender como a violência baseada no gênero e suas interseccionalidades perpassa no ambiente escolar, considerando que é neste espaço em que acontece a formação para a vida e preparação social do cidadão/ã para melhor agir no meio em que se encontra, sem infringir os limites sociais e partindo de uma relação democrática de respeito com as diferenças sociais e culturais.

METODOLOGIA

Este projeto seguiu uma metodologia quali-quantitativa, abrangendo tanto a análise qualitativa quanto quantitativa dos dados. Além disso, foi realizada uma consulta bibliográfica com foco nas obras supracitadas para fundamentar o estudo. Para a coleta de dados, a equipe de pesquisa desenvolveu diversas atividades, incluindo rodas de conversa, debates, palestras, entrevistas e a aplicação de questionários online e físicos aos alunos das escolas mencionadas. Os formulários físicos foram usados como alternativa para os estudantes

ISSN: 2447-6161

que, por algum motivo, não puderam responder aos questionários online.

Foram aplicados questionários a um total de 101 discentes na EEEP Darcy Ribeiro e 143 discentes na EEM Adauto Bezerra. Além de as atividades desenvolvidas criarem momentos propícios para debater com os alunos sobre questões de violência baseada em gênero, homofobia e racismo e categorias que permeiam a situação da violência machista no contexto escolar. Além disso, atividades estratégicas foram realizadas em datas significativas, como o Dia Internacional da Mulher (8 de março), quando foi abordada a importância desta data e ouvidas as percepções das/os alunas/os sobre atos de violência machista na escola e em seus lares. Outra atividade ocorreu no Dia da Consciência Negra (20 de novembro), onde discutimos a simbologia desta data no Brasil, reforçando a necessidade de conscientização e combate ao racismo. Além de participações em eventos como a SEHUMA, a semana de humanidades na EEEP Darcy Ribeiro, que abordava a temática das violências de gênero com salas temáticas de direitos das mulheres, direito à diversidade de gênero, direito à acessibilidade na cidade e cada turma protagonizou e representou a importância ao acesso a esses direitos através de painéis temáticos, apresentações artísticas, salas personalizadas e etc.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista a responsabilização do Estado e da sociedade civil com medidas que garantam a educação em direitos humanos e, em especial, o compromisso com a igualdade de gênero e o fim da violência machista, a escola assume um papel decisivo na formação de sujeitos/as cidadãos/ãs conscientes sobre os efeitos nefastos da violência machista na vida das mulheres, bem como da população LGBTQIA+, principais grupos vulneráveis à violência de gênero.

Realizamos uma pesquisa abrangente em duas escolas públicas de Fortaleza, Ceará, que possuem núcleo de gênero: a EEM Adauto Bezerra e a EEEP Darcy Ribeiro. Esta pesquisa abrangeu amostras de alunos coletadas por meio de um formulário online, cuidadosamente elaborado com 31 perguntas estratégicas. O objetivo principal era obter informações detalhadas e confiáveis sobre a percepção dos estudantes a respeito da violência machista no contexto escolar. Buscamos, dessa forma, compreender a opinião pessoal, individual e anônima dos alunos em relação à violência de gênero e a visão que eles têm deste grave problema social, tanto na atualidade quanto especificamente no ambiente escolar. Conhecer as perspectivas das/os adolescentes sobre este tema foi de extrema importância para

a nossa análise. Portanto, contamos com a colaboração das/os estudantes para responder a este questionário, ajudando-nos a construir um panorama mais completo e preciso sobre a violência machista nas escolas. Nesta amostra, observou-se que ainda persistem, no meio escolar, práticas de violência machista contra mulheres, além de outras formas de discriminação, como aquelas dirigidas a pessoas LGBTQIA+ e a discriminação racial contra pessoas negras. No entanto, foi notório que as escolas participantes demonstraram um nível mais elevado de comprometimento com a prevenção das violências de gênero nas escolas. Ambas as instituições reconheceram a violência de gênero como um problema social significativo. Este reconhecimento é um passo crucial para a implementação de medidas educativas e preventivas, visando mitigar tais práticas discriminatórias no ambiente escolar. A maioria reconheceu o fenômeno como um problema social importante para debater.

Durante as conversas com discentes percebemos a vontade e interesse para debater o assunto, principalmente na EEEP Darcy Ribeiro, muitas delas deram depoimento de violências que já sofreram em casa com familiares e de como lidaram melhor com a situação como foram instruídas na escola, com também de testemunhar o conhecimento sobre a prática de violência machista, de gênero e doméstica com mulheres na vizinhança. Veja os comentários delas:

DR:

ISSN: 2447-6161

AB:

Diante dessa situação, percebe-se que o fenômeno da violência machista e outras formas de discriminação continuam a impactar profundamente a vida das adolescentes, especialmente em espaços públicos. Essa violência serve como uma forma de repressão, afastando-as de lugares que são essenciais para seu acesso e emancipação social, política e econômica. O ambiente escolar não está isento dessas práticas, e a conscientização sobre a questão torna-se ainda mais vital. Debater e educar as/os estudantes para reconhecer, enfrentar e agir adequadamente durante essas situações é crucial para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Essa educação fomenta uma cultura de respeito e igualdade, preparando os jovens para serem agentes de mudança na sociedade.

Além dos resultados obtidos pelos questionários, conseguimos coletar depoimentos das/os professores. Em uma sala de aula, por exemplo, um professor relatou que, durante as reuniões de pais e mestres, é comum que as mães acompanhem as/os alunos. No entanto, quando os pais comparecem, frequentemente, eles não sabem o nome completo do/a aluno/a, a data de nascimento, nem a série, turma ou turno em que estudam. Isso evidencia que as mães estão mais presentes na vida cotidiana e escolar de seus filhos e filhas. Adicionalmente, foram relatadas situações constrangedoras de assédio moral. Em um desses casos, um aluno questionou a professora se ela estava "naqueles dias", pois não estava tão simpática como costumava ser. Este relato destaca a necessidade de abordar e educar sobre o respeito e as dinâmicas de gênero nas escolas.

Finalmente, apresentamos os resultados da oficina reflexiva - Mapa da Vida - realizada nas escolas IES Julio Verne, na cidade de Sevilha/Espanha, que contou com a colaboração da psicóloga e, aproximadamente, 10 estudantes (femininos e masculinos); e E.E.M.F. Dom Antônio de Almeida Lustosa (que não possui núcleo de gênero, e a oficina foi realizada pela equipe do projeto de pesquisa e contou com, aproximadamente, 20 estudantes (femininos e masculinos). O ciclo da vida é organizado em 4 atos e as/os adolescentes foram convidadas a estabelecer previamente o acordo de convivência coletiva, onde todas/es/os se comprometem em respeitar e manter sigilo dos relatos e sentimentos compartilhados pelos demais colegas no grupo.

1º Ato - a facilitadora solicita às/aos estudantes que circulem pela sala andando livre e vagarosamente, pensando a partir do seguinte questionamento: Como eu ando pelo mundo? Solicita que elas/eles expressem corporalmente o sentimento que reflete a resposta de cada uma/um. Expressa os seguintes sentimentos: alegre, seguro, entusiasmado, despreocupado, inseguro, com medo, estressada, com raiva, etc.

2º Ato - após o momento reflexivo corporal, a facilitadora entrega folhas de papel e sugere que cada um, individualmente, escreva em formato de ciclo/pizza os sentimentos ali apresentados, tentando distribuí-los percentualmente naquilo que mais ou menos as/os afetam.

3º Ato - a facilitadora solicita às/aos estudantes que incluam o sentimento ao local onde se sentem mais afetados (na escola, em casa, na rua, outro local (qual?). Em seguida, sugere que apresentem publicamente, e realizem o diálogo de análises situacionais no grupo, promovendo um rico diagnóstico do perfil das/os adolescentes participantes da oficina (e de seu entorno).

● O mapa da vida é um importante instrumento metodológico de cunho psicológico que auxilia na educação emocional e no melhoramento das habilidades sociais. ● A partir dos diálogos foi possível detectar situações cotidianas de violência reproduzidas e sentidas por adolescentes na escola, em casa e na rua. Chama atenção os relatos de conflitos nas escolas. Na escola de Sevilha, as estudantes relataram situações de agressividade por parte dos meninos durante a recreação, e o pátio da escola foi o espaço onde os sentimentos de medo, raiva, irritabilidade e nervosismo afloraram. Segundo a psicóloga, os meninos apresentam mais expansividade durante os intervalos, esbarram-se entre si. Já as meninas, sempre sugerem atividades com música durante os intervalos, mas se retraem e não dançam. Houve relato também de assédio sexual por parte de um estudante e de um professor, que acontecem através de olhares maldosos e forma de se

ISSN: 2447-6161

expressar com as meninas. Na ocasião, as estudantes relataram que o professor foi afastado da escola. Uma estudante manifestou que se sentia incomodada em casa pela forma como seu pai a abraçava, demasiadamente próximo, como um namorado. Quanto aos meninos, os relatos de nervosismo, stress, medo e insegurança estão relacionados, sobretudo, aos conflitos que acontecem fora da escola (na rua, ou no entorno da escola).

● Observamos sentimentos diversos presentes nas vidas de jovens adolescentes, onde se destacam entre as meninas sentimentos como tranquilidade, felicidade, tristeza, irritabilidade, cansaço, preguiça, timidez e entusiasmo. Já entre os meninos, os sentimentos falados foram de felicidade, tranquilidade, nervosismo, stress, tristeza, segurança, aborrecimento e medo. Entre as estudantes da escola de Fortaleza, destaca-se sentimentos relacionados a namoros (paixão, amor, prazer) e com filhos (amor, felicidade, realização). Entre os estudantes, o futebol é citado e remete sentimentos contraditórios, como amor e raiva, paz e estresse.

CONCLUSÕES

Durante a pesquisa, constatamos que muitas participantes ainda apresentam dificuldades significativas para reconhecer as violências que elas próprias e suas colegas enfrentam, particularmente no que tange à violência machista, homofóbica e racial. Esse fenômeno de reconhecimento parcial pode ser atribuído a um profundo silenciamento, alimentado pela ausência de formações permanentes de prevenção a essas formas de violências. Tal silenciamento acaba por perpetuar uma posição opressora com relação às adolescentes, que muitas vezes relutam em ser as primeiras a falar sobre as violências que sofrem. Este cenário evidencia uma necessidade premente de criação de mecanismos de apoio, acolhimento e justiça que incentivem as/os estudantes a se manifestarem, além de promover um ambiente seguro e acolhedor para todas, todos e todes (pluralmente). É crucial que essas medidas sejam implementadas para romper o ciclo de silêncio e proporcionar um espaço onde estudantes possam expressar suas experiências sem medo ou retaliação.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a nossa orientadora, professora Dra. Violeta Maria de Sequeira de Holanda. Pela firmeza de propósito e comprometimento com a luta pela emancipação feminina foram essenciais para o sucesso deste projeto. Agradecemos pela valiosa oportunidade e pelas inúmeras lições aprendidas ao longo deste processo.

Também às agências de fomento que tornaram esta pesquisa possível: FUNCAP, CNPq, CAPES e PIBIC. Reconhecemos que, sem o apoio de vocês, este sonho não poderia ter se materializado na UNILAB.

Além disso, queremos expressar nossa gratidão a todas as direções de escolas, professoras e estudantes que aceitaram o nosso convite para participar da pesquisa. Seu envolvimento e colaboração foram fundamentais para a realização deste estudo. Agradecemos por terem se unido a nós nesta jornada e contribuído de maneira significativa para a construção deste conhecimento.

REFERÊNCIAS

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista estudos feministas, v. 10, n. 1, 2002.

ESPANHA. Ley Orgánica 3/2007, de 22 de marzo, para la igualdad efectiva de mujeres y hombres. Madri,

ISSN: 2447-6161

2007. Disponível em: https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-2007-6115. Acesso em: 8 jul. 2021.
FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Ensaios sobre identidade e gênero. Salvador: Helvécia, 2003.
FRANCÉS, López Inma & TAPÍA, Pablo. Violencia machista en las aulas de las universidades. Cuestiones Pedagógicas, 27, 2018/2019, pp. 53-66.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ISSN: 2447-6161